

Considerações finais: alguns enquadramentos para estudos futuros

Procurámos, ao longo deste trabalho, delinear uma estrutura de investigação e de apresentação de resultados dividida em três grandes núcleos:

- o tratamento dos dados tipológicos, no qual, para além de uma sistematização das principais propostas descritivas e cronológicas, aplicámos esses conceitos ao espólio em análise. Pode considerar-se, de certa maneira, que constitui um percurso mais “técnico” da análise, mas que nos parece essencial para conhecer as características intrínsecas dos materiais, sem cujo conhecimento não é possível fundamentar devidamente qualquer teoria historicizante. Para além do mais, tendo em conta uma certa fase de estagnação em que se encontram os estudos de *terra sigillata* sudgálica, já que continua por fazer uma compilação tipológica e uma revisão cronológica integral desta produção desde os anos 20 do século XX (e as restantes principais produções de *terra sigillata* já foram alvo de sistematizações recentes), entendemos que os estudos mais aprofundados devem ter esta fase da análise em consideração e não cair no sistemático repetir puro e simples de propostas pré-existentes. Os estudos de *sigillata* sudgálica obrigam-nos, por isso, a leituras múltiplas de autores, desde Dragendorff a Vernhet e, particularmente, Polak. Para além destes estudos tipológicos, recorreremos à análise comparada com os resultados de contextos específicos, nos quais destacamos as propostas de *Baelo* ou de USK, mas também uma série de contextos fechados, de cronologia restrita, como as fossas 78, 79 e 80 e o depósito Cluzel 15 de La Graufesenque, mas também La Nautique, a chamada “caixa de pompeia” e o naufrágo de Cala Culip IV;
- para que a referida “repetição pura e simples de propostas” não se realize, é fundamental a existência de espólios ricos e bem fundamentados estratigraficamente. Os dados disponíveis a este nível não contêm abundante informação, no que respeita a Chãos Salgados, já que o ideal seria a verificação de estratos múltiplos e de cronologias finas e seguras. Apesar de tudo, e tomando essencialmente os resultados obtidos no estudo estratigráfico da construção n.º 1, apresentámos algumas propostas de evolução crono-estratigráfica da *terra sigillata* em Chãos Salgados;
- para além das conclusões monográficas que o espólio nos permitia retirar para a História do sítio, integrámos essa parcela de conhecimento numa outra mais vasta, para uma melhor estruturação dos dados. A análise dos processos económicos peninsulares, com algumas comparações à Península Itálica e Norte de África, deu um outro significado aos dados de Chãos Salgados: apesar da percepção de movimentos constantes, estruturais do processo histórico, constatou-se uma diversidade de casos evolutivos, que se prendem não só com a dinâmica intrínseca dos sítios, mas também com multiplicidades regionais, políticas e económicas, sociais e simbólicas, que os diversos estudos vão conformando.

Permanecendo discutível a atribuição largamente efectuada do topónimo *Mirobriga* das fontes clássicas ao sítio de Chãos Salgados, optou-se assim por utilizar o topónimo actual, permanecendo o de *Mirobriga* interrogado.

No título da dissertação denomina-se o sítio arqueológico por “centro de consumo”, em primeiro lugar por uma óbvia oposição a “centro de fabrico”, já que a *sigillata* sudgálica trata-se de uma importação, e, em segundo lugar, pela função que o sítio deve ter exercido, numa primeira instância, no comércio desta tipologia cerâmica.

Deve esclarecer-se, no entanto, que as conceptualizações de cidade clássica radicadas em estudos antigos como os de Sombart e Weber, nos finais do século XIX, não podem ser aplica-

das integralmente na caracterização de povoados romanos como o de Chãos Salgados, já que explicar uma cidade romana de uma forma tão estanque é limitar em muito a dinâmica histórica destas realidades. Embora este povoado apresente as estruturas usuais de uma cidade romana: *forum*, banhos públicos e ainda um circo, a componente comercial assume algum destaque, se compararmos a mancha de lojas com a habitacional, mas é ainda praticamente desconhecida a interação social e económica do povoado com o seu entorno imediato, embora comecem a surgir os primeiros dados de trabalho metalúrgico junto das áreas habitacionais objecto de escavações recentes.

O processo de urbanização romana de Chãos Salgados continua a apresentar muitas incertezas, sobretudo cronológicas. Apesar de já se conhecer uma boa parcela da planta do sítio, o facto de ter sido escavado sem consequente registo estratigráfico na sua maior parte impede-nos de entender o ritmo e o modo como se realizou. Embora já possuamos alguns dados estratigráficos relevantes para a História do povoado, a partir da segunda metade do século I d.C. (quando as três construções em estudo começaram a funcionar, bem como possivelmente a área escavada por Olívio Caeiro e alguns pavimentos e *Domus* na área central do povoado) e transição do primeiro para o segundo século (quando se erguem os edifícios dos banhos público), a verdade é que as fases mais antigas de transição do povoado indígena para o romano continuam, no essencial, por conhecer. A datação do *forum* romano, apesar de uma proposta luso-americana para o terceiro quartel do século I d.C., dificilmente será conhecida sem o recurso a novas escavações junto ao perímetro do mesmo. Paralelamente, as diversas *tabernae* conhecidas não possuem datações disponíveis, pelo que só a escavação de outras poderá indicar as suas fases históricas.

Desconhecendo, então, a História do povoado desde os finais da Idade do Ferro até à primeira metade do século I d.C., não é possível igualmente traçar a sua evolução urbanística com segurança, nem enquadrar devidamente as datações disponíveis para as áreas essencialmente residenciais, algo periféricas, objecto das escavações recentes: englobam-se num único plano urbanístico romano, ou numa fase, algures da segunda metade do século I d.C., de planos urbanísticos sucessivos e graduais?

Denominou-se a *terra sigillata* de sudgálica e não de La Graufesenque, pelas dificuldades de distinção entre as pastas e vernizes deste centro com os de Montans, facto já enunciado em trabalhos de outros autores. No decurso deste trabalho constataram-se ainda outras dificuldades: uma parte do espólio que se pensava ser sudgálico, foi classificado agora de hispânico, pelo que os quantitativos de *terra sigillata* hispânica conhecidos têm de ser reavaliados. Ou seja, para além de uma distinção difícil entre La Graufesenque e Montans, parece-nos extremamente difícil, em não poucos casos, a distinção entre os espólios sudgálicos e hispânicos, nomeadamente das oficinas do Nordeste. Nos grupos de pastas e de vernizes estabelecidos na classificação do espólio de Chãos Salgados, uma importante percentagem de pastas — mais de 40% — e de vernizes — mais de 70% — encontram-se nos grupos n.º 3, de pastas que contêm bastantes elementos não plásticos, e de vernizes cuja tonalidade é mais escura e mate do que o habitual nas descrições dos materiais de La Graufesenque. Estas dificuldades de classificação macroscópica só poderão ser resolvidas pelo recurso a análises laboratoriais.

Na quantificação do espólio aplicámos o cálculo do Número de Fragmentos, bem como o cálculo do Número Mínimo de Indivíduos. Este último instrumento não pode ser aplicado a todo o espólio conhecido, já que das cerca de 4 centenas de fragmentos depositados no Museu Municipal de Santiago do Cacém, apenas pouco mais de um quarto foram inventariados por Luísa Ferrer Dias, sendo os restantes apenas quantificados por tipos. Como não podemos observar este espólio tornou-se de todo impossível a sua transformação em NMI e o mesmo problema se colocou na atribuição dos grupos de pastas e vernizes estabelecidos.

O espólio estudado apresenta características medianas em qualidade, a ver pela importância das pastas e vernizes de tipo 3, que se verificam tanto nas formas mais antigas, como a Ritt. 1 ou a Drag. 17b, entre outras, como nas formas mais recentes, como os serviços flavianos. Embora esta característica se possa dever também às propriedades ácidas dos solos de Chãos Salgados, a verdade é que a constância deste factor, tal como a importância das formas lisas, com cerca de 80%, bem como a quantidade de marcas, com cerca de 6%, e a escassez de vasos marmoreados pressupõem um poder de compra não muito elevado.

O repertório formal inclui 5 pratos, 5 tigelas e uma taça/prato lisos, bem como 1 cálice e 3 taças decoradas. É possível apontar o início das importações para a época tiberiana, segmento temporal em que se situam 11% das importações. Ter-se-ão adquirido, então, os pratos Ritt. 1, Drag. 17b e 15/17, as tigelas Ritt. 5, 8 e Drag. 24/25, bem como os dois exemplares decorados de cálice Drag. 11 e iniciado a importação da taça Drag. 29.

O ritmo de procura acelera em época cláudia, quando 25% do total do espólio terá sido adquirido e o repertório formal se alarga. Aos pratos acresce a Drag. 18 e a importação de taças é acompanhada por novas formas, como as Drag. 27 e 33. Surge um novo tipo decorado: a Drag. 30.

O auge estatístico das importações é atingindo em Nero, totalizando 28% do espólio. O repertório formal de pratos e tigelas é semelhante ao de Cláudio, o mesmo acontecendo com a importação de taças decoradas.

O ritmo das importações mantém-se alto em época vespasiana, com 22% do espólio, embora abaixo dos valores cláudio-neronianos. A aquisição de pratos far-se-á provavelmente apenas através da Drag. 18 e o repertório de tigelas é igualmente reduzido, contando apenas com as Drag. 27 e 33. A taça decorada Drag. 29 será provavelmente substituída pela Drag. 37, continuando a importação de Drag. 30 e surgindo a Drag. 35/36.

A procura de *sigillata* sudgálica deve cessar em finais do século I. Os serviços flavianos, mal representados, chegam a Chãos Salgados pela Drag. 35/36 e por um único fragmento do tipo 2 do serviço F.

O pico estatístico neroniano pode ser antevisto igualmente pela importância do binómio Drag. 18/27, mas também pelas *tendências evolutivas* dos diâmetros das Drag. 18 e 27, bem como da Drag. 24/25, tomando em linha de conta as propostas de Polak e de Passelac e Vernhet.

A evolução cronológica do espólio de marcas revela algumas diferenças em face dos resultados estatísticos obtidos para o espólio total. Apesar de atingir igualmente o valor mais alto em época neroniana, os valores de Cláudio são, ao nível das marcas, mais fracos: pouco mais de metade em face de Nero; em Vespasiano, os valores mantêm-se altos, mas superiores aos de Cláudio. É provável que a importância estatística do espólio de marcas em época vespasiana se relacione com o fenómeno idêntico ocorrido ao nível da importação de formas decoradas: teríamos, assim, um decréscimo nos valores dos números de vasos de *sigillata* comprados, mas um ligeiro aumento na qualidade dos produtos adquiridos, dando-se algum destaque a formas decoradas e vasos com selo de fabricante, que deveriam ter um custo superior.

A escavação do ambiente exterior norte da construção n.º 1 do presente estudo, um contexto de deposição secundária, revelou uma estratigrafia decorrente desde os meados do século I d.C. até meados do século V. A fase mais antiga, Ia, datada da segunda metade ou apenas do terceiro quartel do século I, é composta por exemplares sudgálicos, Drag. 18, 27 e 29 e hispânicos, Drag. 15/17 e 27. Na fase Ib, datada do século II, podendo recuar ao último quartel do século I, surgem as quantidades apreciáveis de *sigillata* hispânica — Drag. 15/17, 27 e 37 e o primeiro exemplar de africana A1, pela forma H. 9A.

A estratigrafia deste contexto parece confirmar duas ideias: a fraca quantidade de *sigillata* itálica em Chãos Salgados — pela reduzida frequência de ambientes da primeira metade do século I — e a importância da *sigillata* sudgálica ao longo da segunda metade do século I,

sofrendo nessa época uma concorrência limitada da congénere hispânica e quase insignificante da africana A1.

A estratigrafia de Chãos Salgados é coincidente com outras conhecidas na Península Ibérica, nomeadamente na sua costa oriental. As escavações de Badalona, ou de *Saguntum* e Valência têm explanado a evolução do comércio de *sigillata* itálica, sudgálica e africana desde a época tiberiana até finais do século I, falando apenas do segmento temporal que interessa aqui abordar. As conclusões obtidas revelam um predomínio das importações itálicas em Tibério, suplantadas pelas sudgálicas a partir de Cláudio, cujos índices se mantêm predominantes em época flaviana. Nesta época já a *sigillata* hispânica atinge níveis algo elevados, mas sem alcançar ainda os da sudgálica, e a *sigillata* africana é ainda residual. O final do século I ou os inícios do século II são comumente aceites como datação final das importações sudgálicas. As percentagens de *sigillata* sudgálica parecem ter comportamentos semelhantes na península itálica, onde se revelam importantes desde época cláudio-neroniana até aos flávios.

Os dados estatísticos disponíveis ao longo da península ibérica revelam uma grande competitividade das importações sudgálica, se compararmos as percentagens ou os níveis de IMA desta com os das importações itálicas ou hispânicas. As importações itálicas parecem ser mais intensas em vários sítios da costa oriental, ou em sítios de cariz militar como Herrera de Pisuerga, em centros mesetenhos, ou ainda em Alcácer do Sal, Santarém e Braga. Tal como em Chãos Salgados, na maior parte dos sítios peninsulares, os índices mais elevados de *sigillata* sudgálica revelam uma intensificação da actividade comercial a partir *grosso modo* de meados do século I, bem como uma competitividade que as produções hispânicas não parecem posteriormente igualar, só atingindo valores mais elevados nalguns sítios mesetenhos, no Noroeste e em São Cucufate.

Na base desta competitividade estará certamente a própria estrutura organizativa da produção e comercialização da *terra sigillata* sudgálica, nomeadamente de La Graufesenque, no terceiro quartel do século I, a ver pelas informações obtidas pelos grafitos de pré-cozedura. Os reflexos desta complexificação são visíveis em espólios como os do naufrágio vespasiano de Cala Culip IV, onde o conjunto de marcas de oleiro revela especialização de certos oleiros em formas lisas ou decoradas e em tipos restritos. A dispersão regional mais acentuada de certos oleiros reflecte possíveis tentativas de controlo de áreas comerciais. Na costa valenciana, 9 oleiros detêm 30% do total sudgálico; 22 oleiros produziram 50% do total e os restantes 20% foram realizados por 150 oleiros.

A Chãos Salgados chegaram peças de oleiros com maior dispersão geográfica, como *Primus* e *Vitalis*, *Iucundus*, *Labio*, *Mommo* e *Murranus*, mas a maioria dos oleiros presentes integram-se em correntes comerciais de cariz mais litoral, embora possam atingir pontos mais interiores.

A evolução da *sigillata* sudgálica em Chãos Salgados apresenta paralelismos com outros sítios da sua área, como a Ilha do Pessegueiro ou Tróia, onde os meados do século I assistem igualmente a um intensificar da romanização, parcialmente visível também em Sines, distinguindo-se de Alcácer do Sal, cuja dinâmica comercial é mais intensa até Tibério, como reflecte o alto consumo de *sigillata* itálica. Em meados do século I são instaladas unidades comerciais na ilha do Pessegueiro e a indústria da salga de peixe tem início nos outros dois sítios. Apesar das muitas dúvidas que ainda se levantam na evolução urbanística de Chãos Salgados, a escavação das três construções da área habitacional parecem integrar-se igualmente nesta periodização regional fazendo da segunda metade do século I d.C., uma época importante da implementação de estruturas romanas na região.